

Seminário Preparatório da IX Jornada da Escola Brasileira de Psicanálise da EBP-MG.

Clínica do Consumo:

Fazer-se devorar. Fazer-se drogar. Fazer-se endividar.

Como o próprio nome indica, este seminário tem como visada a IX Jornada da EBP-MG, que ocorrerá no Gran Darrel Hotel – rua Espírito Santo 901, Centro, nos dias 28 e 29 de novembro de 2003.

É assim que, em uma atmosfera viva de discussão, como já tem demonstrado sua inserção nas atividades da EBP-MG, fazemos do Seminário Preparatório um momento favorável ao avanço das questões que estão sendo trabalhadas em torno do tema da Jornada, e que este ano será: “Clínica do consumo: fazer-se devorar, fazer-se drogar, fazer-se endividar.”

Contando com a participação dos membros e aderentes da EBP-MG, assim como de todos os interessados, ele está programado para ocorrer nos dias:

21/08 – Introdução ao tema da clínica do consumo.

Apresentação: Ram Mandil e Ana Figueiró

04/09 – Fazer-se devorar.

Apresentação: Márcia Rosa

Debatedor: Sérgio Laia

02/10 – Fazer-se drogar.

Apresentação: Antônio Beneti

Debatedor: Célio Garcia

16/10 – Fazer-se endividar.

Apresentação: Luís Henrique Vidigal

Debatedor: Jesús Santiago

Responsável: Ana Figueiró

Horário: 20:30 hs.

Local: EBP-MG

Referências Bibliográficas:

Freud – O Ego e o Id – Vol. XIX – Imago Ed.

“O mal-estar na civilização” – Vol. XXI – Imago Ed.

Lacan – Psicoanálisis y Medicina – Intervenciones y Textos – Manantial Ed.

Seminário XI - Os 4 conceitos fundamentais da psicanálise – J. Zahar Ed.

Seminário XVII - O avesso da psicanálise – J. Zahar Ed.

Miller – Os 6 paradigmas do gozo – Opção Lacaniana 26/27.

L`Autre qui n`existe pas et ses Comités d`éthique. Lições: 02/04; 23/04; 21/05.

Tarrab – “O direito de não ser anônimo” – Revista Opção Lacaniana n.º 22.

“A experiência vazia”. O brilho da infelicidade. EBP-RJ. Contra-Capa livraria.

OBS: Outros textos já estão disponíveis na pasta da IX Jornada, que se encontra na secretaria da EBP-MG.

Seminário preparatório à IX Jornada da EBP-MG.

Ana Maria C. L.Figueiró

Primeiramente, gostaria de agradecer a presença de vocês, neste seminário preparatório à nossa IX Jornada. De fato, é muito bom que possamos contar uns com os outros no avanço das questões que a clínica do consumo nos coloca. É, pois, com este entusiasmo e sabendo que mais 3 encontros estão programados, em função dos eixos: fazer-se devorar, fazer-se drogar e fazer-se endividar, que pensei em trazer, para esta noite, algumas considerações mais gerais sobre a clínica do consumo, a fim de que possamos iniciar um debate que, com certeza, será profícuo para a nossa orientação.

Pois bem; com a clínica do consumo, pretendemos incidir nosso foco de interesse nas novas formas de mal-estar em nossa cultura, isto é, nos sintomas que resistem a entrar no discurso analítico e que levam o sujeito a consumir ou a se consumir na obesidade patológica, na bulimia, na anorexia, nas drogas, nas compras compulsivas, nos gastos excessivos pelo objeto.

Tal como salienta Maurício Tarrab, são sintomas do tipo que Lacan define em seu seminário sobre a Angústia, quando diz que “é o sintoma que não necessita nada de vocês. O sintoma não pede nada O sintoma não que dizer nada, senão que é fixação de gozo, recusa do saber, recusa do inconsciente.”

Concernentes, desta forma, “ menos ao sujeito da palavra que ao sujeito do gozo... e um gozo que não é metaforizado pelo corpo do Outro – característica salientada por Miller, a respeito das toxicomanias, mas que, a meu ver, pode ser estendida aos outros sintomas que nos interessam -, o problema é que, por seus excessos, eles são relativos a práticas cujos riscos, sofrimento ou desordem não são poucos. É, aliás, o que faz da sua repetição a manifestação da sua precariedade, ou melhor, da impossibilidade de eliminar um resto, por si só ineliminável, este mesmo que não deixa de alimentar a obstinação cega de uma espetacular satisfação efêmera, que quer apaga-lo. É por isso que essa satisfação, num fazer que prescinde do corpo do Outro e que requer sempre mais, acaba por revelar que, se por um lado, o objeto é somente um semblante em relação a uma falta estrutural, por outro lado, tal como salienta Éric Laurent, revela-nos que, “no horizonte o que seria o verdadeiro objeto de gozo - se essa palavra significa algo- seria a morte. O que se busca aí não é ,então , como dizem alguns, “um prazer”; o que se busca é justamente a verificação do vazio que rodeia o gozo do ser humano.” É por isso, aliás, que embora haja sujeitos que se obstinem por essa eleição, ainda que a morte se anuncie como o único limite, outros, felizmente, podem fazer um movimento de querer um outro tipo de tratamento ao mal-estar.

Mas por que dizemos serem estas soluções, contemporâneas?

Porque a novidade não está tanto nas patologias da dependência que elas implicam, mas na expansão de sua incidência que, certamente, por suas conseqüências nefastas, exige, por parte da estrutura social, aparatos jurídicos, de regulação e de cuidados, em função dos quais, como analistas, muitas vezes somos convocados a responder. E a fazê-lo para além dos nossos consultórios, para além até mesmo de uma demanda subjetiva. É neste sentido que remeto-lhes a Lacan quando penso que se, antes, a prática do consumo fazia cócegas na cultura, hoje se alastra na proporção de uma extensa labareda, sem domínio. O problema é que com os meios que a estrutura social dispõe, geralmente o que se propõe acaba por insuflar, com um sopro a mais, a ventania que contrariava a pretensão.

De fato, o que a clínica do consumo manifesta é que nem o saber, nem a mestria, muitas vezes apregoados em diversas instituições, são eficazes como orientação. É assim que, quanto mais os argumentos sobre o bem proliferam, quanto mais os ideais de contenção

imperam, quando, enfim, a mira que se propõe é a normativa, mais a questão subjetiva é desconsiderada, mais o foco se reanima e se alastra. Aliás, como instalar-se no lugar da mestria ou da pretensão do saber sobre o bem, se já nele não se acredita ou se é disto mesmo que se está farto?

Por outro lado, as inúmeras associações de auto-ajuda que se instalam, numa proporção jamais vista. e que visam entre os portadores do mesmo sintoma uma identificação imaginária, que dê consistência ao eu, deixam intocada, pela desconsideração do inconsciente de cada um, a própria posição do sujeito em relação ao gozo. O problema é que, embora muitas vezes eficaz, esse tipo de solução proposto implica um excesso de sacrifícios, a troca de um excesso por outro, quando não, segregações renovadas.

Talvez como nunca, o que a clínica do consumo manifesta é que, mesmo que mortífera, esta solução do tratamento de uma falta estrutural por uma certeza de gozo, quando funciona em sua precariedade, não é detida "nem pelo amo, nem pelo pai, nem pela palavra, nem pelo parceiro; nem pelo ideal, nem pela lei, nem pelo simbólico, nem pelo falo." É neste sentido que, enquanto soluções de ruptura com o Outro, com o desejo, com o inconsciente, elas não deixam de se tornar, cada uma em sua manifestação, paradigmas de nossa época. De fato, "o Outro contemporâneo, é um Outro que deixou cair seu poder histórico de interdição e que sustenta a lei perversa do gozo ao alcance das mãos para todos." Na decadência da autoridade e dos ideais favorecedores de um sentido e de um mais-de-gozar que não os dos interesses do mercado e do discurso do capitalista, "Goze como quiser" – parece ser o que melhor traduz o mandato de nossa modernidade, de tal forma que, hoje, o que não é permitido é não gozar.

Os objetos são, então, instrumentos com que se nutre a emergência da satisfação, a garantia de satisfação, propiciados por um mercado sem amo que, hoje, rege a distribuição de nosso gozo. Assim, numa época em que a ciência é tão dominante quanto Deus foi outrora, em que hoje, em Seu lugar, tanto o mercado, quanto todos, damos graças à tecnologia e às suas conseqüências no real; para além da sua vertente positiva, o que se destaca, para nosso interesse, é uma "forclusão tecno-científica da subjetividade", "uma segregação do inconsciente": hoje, como nunca, a inquietação de uma falta só pede um objeto para apazigua-la. Contudo não é só a paixão da ignorância que acaba por sair vitoriosa em nosso mundo: é o cinismo que também ganha a cena. Prevalece, hoje, o desmérito do dom do que não se tem, "o sofrimento de ser excluído do gozo do objeto, não do signo do amor"- e amor determinante para as renúncias, tal como salienta Freud, para condescender o gozo ao desejo, como o traduz Lacan. Desse modo, a vergonha parece estar muito mais próxima do desejo do que do gozo e se alguém quiser evitar os riscos de um encontro, aliás cada vez maiores porque já não se sabe muito bem que tipo de mulher ou que tipo de homem se tem pela frente, com certeza, em algum outro tipo de objeto encontrará uma satisfação. No entanto, com o mercado e o discurso do capitalismo, com o declínio paterno e a decadência dos ideais, não é só a angústia frente ao enigma do desejo do Outro que se verifica com intensidade; também não é só a reclamação de cada sexo para com o outro que se intensifica, nem somente a enorme preocupação da família para com o trabalho; é também o declínio de uma fala que oriente, ou melhor, a ascensão poderosa da mídia, que regula com seus modelos produzidos, muitas vezes efêmeros, porque recicláveis, as identificações imaginárias ideais. O simbólico acaba, assim, por ficar submetido ao imaginário, o que faz até mesmo do narcisismo o objeto de um consumo perfeito, que não é senão a fruição de uma existência virtual.

Acentua-se, assim, a culpa por envelhecer, por estar fora de forma e da forma a ser consumida, por não ter trabalho e a possibilidade do acesso aos mais-de-gozar, por não ter determinado objeto, por não ter... Culpa pelo menos de gozo e que alimenta, ou favorece, a

ferocidade do super-eu contemporâneo. Acentua-se, também, a possibilidade de que o mais-de-gozar, que a princípio poderia ser equivalente com os ideais propostos, acabe por ganhar a cena e destruir aos poucos o sujeito. O problema, certamente, é que se hoje o que não é permitido é não gozar, a culpa pelo que excede já não tem mais lugar, ou tarda muito em apontar. É por isso que, embora os sintomas da prática do consumo sejam manifestações de ruptura com o desejo, com o corpo do Outro e com a palavra, eles não deixam de refletir uma profunda alienação à voz do mercado, esta mesma que leva os sujeitos a consumirem ou a se consumirem, a resolverem seu sofrimento real pelo real.

Assim, tudo indica que nossa cultura já não parece estar tanto a serviço de Eros, isto é, de ligar indivíduos isolados, tal como Freud salienta em seu texto sobre o mal-estar da cultura; de fato, se ela mantém indivíduos isolados juntos, se, com seu supereu, o que ela visa é a prática do bem de consumo, a caça ao mais de gozar, em detrimento da culpa, tudo indica que ela estaria, hoje, a serviço da pulsão de morte

De qualquer forma, penso que a consciência consumidora e consumida, e determinada pelo interesses do mercado, faz reluzir o que Freud, em sua genialidade, referindo-se a Sheakespeare, nos transmitiu a respeito da consciência ao dizer que é ela que faz de todos nós covardes.

Gostaria, então, de tecer algumas considerações a respeito do consumidor consumido em sua singularidade, o consumidor virtuoso, se podemos dizê-lo assim, este que se encontra em consonância com a apatia universal e que além dos objetos – cito Jean Baudrillard - “consome imagens, fatos, informações que conjuram o real nos signos do real, conjuram a história nos signos da história, que ao consumir o real de uma guerra à distância consome o acontecimento, a história pela manipulação dos signos, que ao estar ao abrigo dos signos e na recusa do real, na segurança de contemplar as imagens, já não distingue a breve irrupção da realidade do prazer profundo de nela não participar... que tem com o mundo real, com a política, com a história, com a cultura uma relação, não de interesse e de investimento mas de curiosidade e de desconhecimento, que a curiosidade seja saciada desde que servida em casa,... que para milhões de pessoas sem história e felizes de o serem é necessário desculpar a passividade, ao fazer da tranquilidade um valor disputado constantemente ameaçado, a fatalidade sugerindo-se na violência do mundo exterior a fim de que a banalidade venha achar desculpa.”

Ora, Miller nos diz que apesar do radicalismo de Baudrillard, não resta dúvida de que o mérito de sua articulação está em apontar-nos que a linguagem aponta ao ponto zero de referência e que é este discurso, que faz da linguagem o assassinato da coisa, ao qual estamos todos submetidos. Tal como Lacan já salientava em 1947, e que permanece muito atual, “trata-se da manipulação combinada das imagens e paixões como meios de agir sobre o psiquismo”(A psiquiatria inglesa e a guerra)

Contudo é sobre uma outra citação que gostaria de me deter, para evocar, a respeito desse consumidor consumido, o efeito sapo ao qual alude Maurício Tarrab em seu texto “O risco da modernidade”.

O efeito sapo, para aqueles que não o sabem, “consiste em um cruel experimento que consiste em comprovar que se colocamos um sapo numa água fervendo, ele saltará imediatamente. Contudo, se o colocamos num recipiente com água e vamos elevando a temperatura aos poucos, ele tenderá a acostumar-se a ela, até que seja muito tarde.”

O que Tarrab quer salientar é que o homem contemporâneo não é um sujeito responsável e atravessado pela preocupação e disposto ao ato. Ele é antes um Homer Simpson, paradigma

de nossos tempos, da idiotice mais normal e que é o contrário do sintoma, e que ilustra, a seu ver, o efeito sapo na atualidade.

Eis aí a elaboração de um psicanalista que se, sem dúvida, encontra-se na época, mas com ela não se identifica, também está a frente dela. O fato é que seu alerta recentemente foi comprovado pela divulgação dos resultados de uma pesquisa feita nos EUA, sobre o maior dos americanos de todos os tempos: o nome que aparece no topo da lista é Homer Simpson, deixando Abraham Lincoln em 2o e Martin Luther King rastejando em terceiro. Assim, por causa desse herói, os pais americanos, hoje, também sabem, por uma outra pesquisa, que 22% das crianças trocariam seu pai por Homer. Contudo, celebrado por sua simplicidade cega, por sua "idiotice a mais normal", ele acaba inevitavelmente, em nossa modernidade, por estender seus lastros: na última edição brasileira dos Simpson, ele é considerado por uma leitora, não o maior americano de todos os tempos, mas o maior dos filósofos, dizendo que o que tem guiado a sua vida é o seguinte imperativo simpsoniano: "nunca diga alguma coisa a não ser que tenha certeza de que todo mundo pensa o mesmo." Proclama-se assim o princípio da fala vazia, a perda do sentido da fala, o viver de acordo com a opinião pública; proclama-se um imperativo cuja crueldade para com as particularidades e a surpresa não é pouca. Poesia então...

Ora, a psicanálise, sabemos, sempre fez objeção ao supereu cultural. Como dizia Freud, "tal como o supereu individual, ele não se preocupa de modo suficiente com os fatos da constituição mental dos seres humanos". A homogeneização apática prescrita pela cultura esbarra, sempre, num impossível, à medida em que haverá sempre uma voz dissonante ao que é prescrito pelo discurso dominante. O problema é que, hoje, embora dissonante, embora possa haver um abuso no uso, isso não deixa de estar em consonância, o que faz com que a culpa só acabe por se manifestar depois de muito estrago.

Assim, diferentemente das psicoterapias, a psicanálise objeta à moral da história, à apatia, ao efeito sapo, aos consumidores consumidos, à alienação. Ela, assim, está para além da sua época; contudo está também nela. Na sua época, ela está para além do Édipo, defrontando-se com a queda dos Ideais. E dentre as mais diversas dores de existir, a ela são endereçados, cada vez mais, sintomas que em seu desligamento do saber inconsciente são soluções a não-relação sexual por um fazer-se, que dá a certeza de gozo, para além do fantasma.

Grande ironia! O que tem sido apresentado como prática do consumo à psicanálise de orientação lacaniana não deixa de ser semelhante ao que se espera à sua saída: um saber fazer com o sintoma, com o incurável, com o qual o sujeito se identifica, para além da fantasia, para além da consistência do Outro. Nesse sentido, se é possível pensarmos essas coordenadas como estando no centro de toda a dificuldade de uma entrada em análise, talvez seja possível, até mesmo, um sentimento de impostura habitar o analista, levando-o a um horror do ato, que acabe por deixar o sujeito deparando-se com vazios do Outro. Contudo, e com certeza, talvez esteja aí, por essa semelhança mesma, embora tão avessa à ética da psicanálise, uma grande chance para o seu futuro; uma grande chance, aliás, para a prática do consumo encontrar um ótimo endereçamento. Aliás, Lacan em seu seminário XVII, o avesso da psicanálise, confessa que gostaria que seu campo fosse chamado o campo do gozo.

Ora, o saber-fazer com o sintoma no final da análise, longe de ser uma certeza de gozo referida a um objeto que se tem, em atravessamentos que colocam em curto-circuito o dizer e se abrem para uma repetição mortífera, é uma certeza de gozo referida a uma pura falta que se tem, em atravessamentos que colocam em circuito um dizer, e se abrem para respostas novas e incalculáveis, uma abertura para a vida. A identificação, assim, não nos

remete a uma fuga dos encontros, por meio de um objeto que faria esquecer-los; ela leva, sim, a marca da vida e a enfrenta-los com o desejo. Sem dúvida alguma, trata-se de um saber fazer ou um fazer-se com a falta, desvinculado do inconsciente, mas que só é possível de ser adquirido por ter sido tolo do inconsciente, tolice, aliás, que se mantém em sua importância.

De fato, é uma verdadeira ironia que nos deparemos com a semelhança entre o que se nos apresenta de entrada, com a clínica do consumo e o final de uma análise. No entanto, mesmo que o seja, não podemos correr o risco de cair num ideal da psicanálise, isto é, de supor saber sobre o bem do outro, desvinculando o sujeito de suas particularidades, dos determinantes de sua história, de sua estrutura. Embora mortíferas, estas soluções podem servir de ancoragem de algo mais devastador, como é o caso das psicoses. Poderíamos pelo menos apostar que soluções menos arriscadas advenham.

Pois bem; com o fato de estarmos nos referindo ao campo do gozo, que é o campo dos discursos, tudo indica que o desafio que a clínica do consumo nos impõe, situa-se na sua entrada, uma vez que não é raro que o sujeito, em seu sofrimento, se apresente com a marca identificatória, que o Outro o nomeou por seu gozo e que, além do efeito nefasto de marginalização que ela implica, tampona a falta-a-ser de maneira consistente. O que pode, então, fazer o analista para que dos horrores ou louvores do objeto, sobre os quais gira a fala do sujeito, a identificação pelo objeto, passe a representar, não o Outro, mas o sujeito do inconsciente frente a uma significante de sua história? Ou em outras palavras, que ele relacione seus atos com um insuportável, para que a falta apareça e essa possa entrar em cena? Como, enfim, passar do fazer ao dizer, daquilo que serve como solução, e tampona, à revelação de uma falta e um querer saber? De fato, fazer existir o inconsciente, sabemos, é uma responsabilidade do analista.

Mas como o analista se faz Sujeito suposto Saber? Em seu seminário XVII Lacan nos dá a resposta. Ele diz: "a partir do objeto a". Ao que podemos traduzir: a partir dos objetos de consumo, enquanto causas do desejo. Trata-se, assim, de intervir sobre o real do gozo, obtendo o ponto de vazio central do sujeito, a fim de que o analista tome o lugar da substância. Em outras palavras, que o sujeito se veja causado como falta do analista, com a condição, certamente, de não se servir dele como complemento de gozo. De fato, uma coisa é certa: na experiência de uma análise, é o analista que se faz consumir.

Assim, a clínica do consumo convoca, a cada encontro o ato do analista. Esta é a aposta: que a cada sessão, um ato inventivo e surpreendente, no fazer, no silêncio, ou na palavra, dê chances para que do fazer-se devorar, fazer-se drogar ou fazer-se endividar, advenha um dizer e um novo fazer-se, desta vez, não mais mortífero ou correlativo à parada do circuito pulsional.

Com certeza, na IX Jornada da EBP-MG, será ótimo se pudermos demonstrar, a partir da experiência de cada um, que a psicanálise de orientação lacaniana, ao tratar o real pelo simbólico, não é sem consequências sobre um lei mortífera que leva ao pior. Contudo nessa difícil batalha entre tãatos e eros, que é a clínica do consumo, os desafios e os limites não são poucos. Então, que os demonstremos também. Sem dúvida alguma, é a psicanálise que sairá fortalecida.

Redigido no estilo de um thesaurus, este texto, apresentado no Seminário Preparatório à IX Jornada da EBP-MG, se propôs a rastrear em alguns dos seminários de Lacan comentários

que nos possibilitassem extrair a dimensão clínica do tema:
a questão do consumo e o fazer-se devorar*.

CLÍNICA DO CONSUMO: FAZER-SE DEVORAR

Márcia Rosa

Parte um: o consumo e a ética

a) Adão, Eva e o casaco de vison

Podemos começar indagando: afinal, como é mesmo que tem início esta estória de consumo? E, para tratar as origens, nada melhor do que as fábulas. Temos, pois, essa que põe em cena, Adão, Eva e a dimensão significativa. “Eis então, Adão, e eis esses famosos pêlos de uma Eva que ansiamos estarem à altura da beleza que esse primeiro gesto evoca”, comenta Lacan, com a ironia que lhe é peculiar. Pois bem, “Adão arranca um pêlo daquela que lhe é oferecida como cônjuge, esperada por toda a eternidade, e no dia seguinte, ela volta para ele --com um casaco de vison nos ombros.” (LACAN, 1959/1988: 277)

Ao abordar a questão dos bens, Lacan assinala que a realidade é constituída com o prazer. A partir daí interessam as relações do homem com os objetos de sua produção, uma vez que eles serão objetos de suas necessidades, mas também de seus desejos, e é patente que há uma distância entre a organização das necessidades e dos desejos. (ibid., 274). Um pedaço de pano, por exemplo, dado que com ele se pode fazer uma roupa, é um VALOR DE USO, um objeto das necessidades, do campo do útil, das utilidades. No entanto, face à ele, um analista, por ex., diria que ele mostra e esconde ao mesmo tempo, sem que se possa saber “se o que se trata de fazer com este falo-pano é revelar ou escamotear”. Já para um marxista é provável que o fato do homem ter menos pêlos do que alguns animais desencadeie a indústria, enquanto que para os lingüistas, (e a psicanálise se insere aí), “é como significativo que o que quer que seja se articula, nem que seja uma cadeia de pêlos”. (ibid., p. 277). Portanto, o problema dos bens se coloca no interior do que é a estrutura de linguagem.

O homem fabrica algo que pode estar ou não em “uma relação de encobrimento em relação a seu próprio corpo, mas que vai correr o mundo independentemente como pano, que vai circular”. Esse pano circula porque é VALOR DE TEMPO, diz Lacan. Ele é “distinto, portanto, de qualquer produção natural. É fabricado, sujeito à moda, à antiguidade, à novidade, ele é, portanto, VALOR DE USO. Ele é reserva de necessidade, ele está lá precisando-se dele ou não, em torno dele se organiza toda uma dialética da rivalidade e da partilha”. Neste sentido, se as necessidades do homem se alojam no útil, não há problema, uma vez que a lei que organiza a função dos bens é “o máximo de utilidade para a maioria”, ou seja, o pano é feito para que o maior número possível de sujeitos introduzam a cabeça e os ombros nos furos que se fazem nele. Só que as coisas começam a funcionar de outro modo: quanto aos objetos: “há no início outra coisa além de seu VALOR DE USO --há sua utilização de gozo”, (ibid., p. 279), seu VALOR DE GOZO.

Começa a se delinear o problema dos bens e de sua função: como são criados os bens, dado que fornecem matéria para uma repartição? Uma definição analítica do que seriam os bens se esboça: o bem, diz Lacan, não está no nível do uso do pano, está no nível disto --o sujeito pode dispor dele, assim como pode dispor de si mesmo. Freud já nos abrija esse caminho: dispor de seus bens é ter o direito de privar os outros deles. (1) Agora, se o sujeito

pode dispor de seus bens, pode também defendê-los, isto é, pode proibir a si mesmo de gozar deles. (ibid., 279-280)

Constatamos que o tratamento da questão do consumo pela ética da psicanálise traz operadores interessantes para o debate, a saber: a estrutura da linguagem e sua cadeia de significantes (pêlos); os bens como algo do qual o sujeito pode (se) dispor ou (se) privar; e a teoria dos valores: valor de tempo, valor de uso, valor de gozo. Interessa ainda anotar o ponto no qual essa teoria desemboca: “o valor de uma coisa é a sua desejabilidade --trata-se de saber se ela é digna de ser desejada, se é desejável que a desejemos”. Portanto, um novo valor entra na série, o VALOR DE DESEJO. Sobre ele Lacan comenta: “entramos aqui em uma espécie de lista que se poderia comparar a uma loja de roupa usada, onde se empilham as diversas formas de veredicto que no decorrer dos tempos, e ainda hoje, dominaram por sua diversidade, e até mesmo por seu caos, as aspirações dos homens”. (ibid., 25). Portanto, o que é desejável se insere no tempo e está sujeito ao valor de uso.

b) os caixas registradores e a cifragem do gozo

Que a relação do sujeito com os objetos de sua produção, e de seu consumo, esteja marcada pelo significante, leva Lacan a extrair do campo do cinema, de um filme de Jules Dassin, “Nunca aos domingos”, um outro ângulo a ser considerado quando se trata do consumo. Ele extrai da trama do filme uma cena aparentemente secundária: o personagem, que é apresentado pela imediatez de seus sentimentos pretensamente primitivos, em alguns momentos do filme “bebe um copo para marcar o excesso de seu entusiasmo e de sua satisfação, e o estilhaça no chão. Cada vez que um desses estrondos se produz, vemos a caixa registradora se agitar freneticamente. Acho isso muito bonito, e até mesmo genial”, comenta Lacan. “Essa caixa define muito bem a estrutura com a qual lidamos, (...) o que faz com que possa haver desejo humano, que esse campo exista é a suposição de que tudo o que ocorre de real é contabilizado em algum lugar.” Portanto, “no horizonte da culpa, uma vez que ela ocupa o campo do desejo, existem as cadeias de contabilidade permanente.” (ibid., 380-381).

Havíamos falado das cadeias de pêlos, e agora percebe-se que eles, elas, são contáveis. Logo a contabilidade, a cifra, a cifração do real, em outros termos, a falicização do gozo, estão em jogo aí. Se o caçador antigo contava entalhes, no mundo contemporâneo temos essa figura da maquininha que registra os excessos e os contabiliza. (E os registros R.S.I. não deixam de estar em jogo aí).

Essa figura da máquina e dos seus registros emerge na fala de uma analisante que, ao indagar na sessão o seu consumo desenfreado e o seu endividamento, se dá conta de que as suas dívidas ela as contraira nessas máquinas de Caixa Eletrônica, nesses caixas, 24 horas em funcionamento self-service. Um detalhe começa a lhe chamar a atenção: o barulhinho da máquina. Esse barulhinho não era sem importância na dívida contraída com (ou a partir de) uma máquina. Algo da maquinaria significativa, da cifração do real não deixava de estar em jogo aí.

Já essa outra analisante vai me dizer, em um dos momentos em que se queixa sobre o lugar de pouca importância que sempre teve no desejo de sua mãe, que ela, a sua mãe, tem uma coleção de 80 pares de sapatos. 80 pares de sapatos! Vejam só! Faz diferença que sejam 8 ou 80? Em que pese a dimensão de não-toda, o curioso é que o gozo materno tenha encontrado no que poderíamos denominar consumismo o seu modo de cifragem, de (se) fazer cifra, i.é, seu modo de (se) contabilizar. Talvez já não se façam mães fálicas como

antigamente! Obviamente, alguns giros seriam necessários para que esse modo de cifragem, de falicização do gozo, viesse a vacilar e a se constituir em um sintoma analítico.

c) uma satisfação que não pede nada a ninguém

Chegamos então ao que parece ser o pano de fundo da discussão sobre o consumo e a ética da psicanálise no início dos anos 60, a saber: a sublimação.

Nas suas elaborações sobre a ética, Lacan a apresenta através do encontro com um colecionador e a sua coleção de caixas de fósforo. Dizendo ser, ele mesmo um pouco colecionador, e evocando as coleções de Freud, tributárias do fascínio, no nível do significante, que sobre Freud exercia a civilização egípcia, Lacan estabelece uma distinção entre o que se denomina "objeto, como fundamento da coleção" e o sentido daquilo que se denomina objeto na análise. "Na análise o objeto é um ponto de fixação imaginário dando, em qualquer registro que seja, satisfação a uma pulsão. O objeto de coleção é outra coisa completamente diferente". (ibid, 142-143)

O surpreendente na coleção de caixas de fósforo de Jacques Prévert é que as caixas "se encaixavam umas nas outras, formando uma fita coerente que corria sobre o rebordo da lareira, subia na murada, passava de ponta a ponta pelas cimalthas e descia de novo ao longo de uma porta." Depois de descrever a montagem, Lacan comenta: "não digo que ia desse modo ao infinito, mas era excessivamente satisfatório do ponto de vista ornamental." No entanto, não está aí o principal. A novidade do efeito realizado por esse ajuntamento de caixas de fósforo vazias --esse ponto é essencial-- era de fazer aparecer que uma caixa de fósforos não é de modo algum simplesmente um objeto com uma certa utilidade, mas pode ser uma Coisa, uma coisa com sua coerência de ser. (ibid., 144)

Ao apresentar a caixa de fósforo como "uma forma vagabunda da gaveta", Lacan mostra como nesta coleção a gaveta apresenta-se "liberada", e não mais em sua amplitude ventral, cômoda, apresentando-se com "um poder copulatório que a imagem desenhada estava destinada a tornar sensível a nossos olhos". E ele finaliza, "esse pequeno apólogo da revelação da Coisa para além do objeto mostra-lhes uma das formas, a mais inocente, da sublimação. (...) Se é uma satisfação, pelo menos nesse caso, é uma satisfação que não pede nada a ninguém." (ibid).

Parte dois: "A pulsão busca a cada vez algo que responde no Outro"

Depois desta primeira localização do consumo em uma dimensão ética, creio ser importante relançar a questão mais além da determinação do sujeito pelo significante, determinação inscrita no primeiro andar do grafo do desejo. Trata-se então de interrogar o campo pulsional em jogo no consumo, campo inscriteável com a fórmula da demanda (S <> D).

Retomando o texto "As pulsões e suas vicissitudes", Lacan indica que Freud escreve a atividade e a passividade das pulsões com o recurso das vozes gramaticais. Com as mudanças de posição, através das quais o sujeito pratica ou recebe a ação do verbo, temos as vozes ativa, passiva e reflexiva. Assim, a pulsão oral seria formulada nos termos: devorar, ser devorado, devorar-se. Não muda o objeto, não muda o outro, o que muda é o ponto no qual incide a ação do verbo, de tal modo que em um dos giros o sujeito é reduzido à posição de objeto. Lacan introduzirá uma pequena nuance nessa gramática pulsional

freudiana; para ele há sempre uma atividade em jogo na pulsão, portanto, ao invés do “se devorar” ele propõe o “se fazer”, “se fazer devorar”. É nesse se fazer que a atividade da pulsão se concentra, indica ele. (LACAN, 1964/1988:184).

a) “Decifra-me ou te devoro”

O “fazer-se devorar” nos conduz ao campo fantasmático e às fantasias de devoração, nas quais a pulsão oral lança suas raízes no terreno do masoquismo. Se a pulsão oral é “se fazer sugar”, surgirão aí não apenas a figura do lactente em sua “voracidade divina” em relação ao objeto agalmático que é o seio, (“objeto chapado, que chupa o que? --o organismo da mãe”), assim como a figura do vampiro, que deixa o sujeito na posição de “se fazer chupar”.(ibid., p. 185)

O ponto importante a ser realçado é que “a pulsão, invaginando-se através da zona erógena, está encarregada de ir buscar algo que, de cada vez, responde no Outro”. (ibid.) Ou seja, não há aí manifestação de um declínio, inconsistência ou mesmo inexistência do Outro, pelo contrário, o “fazer-se devorar” faz existir e dá consistência ao Outro. E não se trata de um Outro qualquer, o sujeito constrói o seu grande Outro sob medida, e ele surge aí com essa face medonha de Outro devorador.

Impossível neste contexto não lembrar que, muitas vezes, é pela bocarra aberta que o desejo do Outro materno se apresenta. Todavia, face à esse Outro e ao seu apetite devorador, há sempre o recurso daquele “rolo, de pedra, denominado falo”, e ele “é o que os põe a salvo se, de repente aquilo se fecha”, indica Lacan. (LACAN, 1970/1992:105).

“Decifra-me, ou te devoro”, diz a Esfinge. Com seu imperativo ela acaba sendo uma dessas figuras do pesadelo, presença angustiante do gozo do Outro. No entanto, por outro lado, ela é também uma figura questionadora. Com a sua pergunta, (“que animal é este que anda com quatro pés pela manhã, dois ao meio-dia e três à noite?”) ela formula uma demanda. “Trata-se aí de um significante que se propõe, ele mesmo, como opaco, constituindo a posição do enigma como tal. Temos aí a forma mais primordial da demanda do Outro.” (a angústia, Lição de 12/12/1962). (ROSA, 1997:pp.56-57).

Todavia, a demanda pode também se manifestar como uma demanda ao Outro. Tal é o caso dessa jovem mulher que vai ao analista para se queixar de um mal-estar vago e inespecífico, consigo mesma e com o outro. Para a analista, parecia evidente que ela consultava devido à sua obesidade, ao seu excesso de peso, no entanto isso demorava a ser sintomatizado. “Gorda” havia se transformado para esse sujeito em um “modo de ser” que não suscitava perguntas. Com o trabalho da análise, vai se evidenciar a posição de objeto oral na qual esse sujeito se oferecia ao Outro: ela estava sempre lá aonde a demandavam, bastava que o outro pedisse e ela se fatigava para pôr em cena a sua personagem: boa mãe, boa esposa, boa trabalhadora.

Se a demanda, a nível inconsciente, tem a ver com a inconsistência do Outro, nesse caso a inconsistência não aparecia, uma vez que, antes mesmo que a demanda aparecesse, o sujeito se oferecia, se antecipava, em uma espécie de “generosidade oral”, traço que Abraham detecta como característico do que denomina “caráter oral”. Fato é que, quando era impossível para esse sujeito responder às demandas e manter a personagem, manifestava-se um ponto de gozo específico: a bulimia. No desenrolar deste caso relatado por D. Rabinovich, caso muito interessante por sinal, observa-se como o trabalho da análise operou um deslocamento na ganância de gozo que deixava o sujeito na posição de objeto oral que se oferecia como “pasto a devoração do Outro”. Neste caso, à medida que o sujeito ia perdendo em peso, o Outro ia perdendo em consistência. (RABINOVICH, 1989:59-77)

b) a fase oral e o canibalismo

Ao tomar, no seminário a transferência, a pulsão oral na sua dimensão de demanda dirigida ao Outro, Lacan evidencia que há uma hiância no confronto entre a demanda do sujeito de ser alimentado e a demanda, no campo do Outro, de que ele se deixe alimentar. (LACAN, 1961/1992:202) É o que se mostra nos casos de anorexia mental. Conforme Eric BIDAUD, ao recusar o alimento, "a anorética está retida na ilusão de que nenhum outro é susceptível de recusá-lo a ela". (1998:75;114) Conforme Margareth Vasconcelos, participante do Curso de Formação do Instituto que tem se debruçado sobre esse tema, a anorexia poderia ser inscrita entre as novas formas de sintoma, "onde o que provoca 'barulho' é um fazer que dispensa o uso da palavra". (VASCONCELOS,2003:10)

Para Lacan, a recusa anorética em satisfazer a demanda, seria uma tentativa de salvaguardar o desejo. No entanto, a isso ele acrescenta que "a demanda oral tem um outro sentido além da satisfação da fome. Ela é demanda sexual. Ela é, em seu fundo, (...), canibalismo, e o canibalismo tem um sentido sexual". O horizonte do canibalismo, caracteriza a fase oral como aquilo que ela é na teoria psicanalítica, à medida que o sujeito primitivo "tem que se alimentar do corpo daquele que o alimenta". Neste sentido, "a vida é [seria], no fundo, assimilação devoradora como tal", diz ele. (LACAN, 1961/1992:202;205)

Ao tratar a demanda oral no campo da transferência, Lacan recomenda aos analistas "prudência quanto à interpretação no nível do registro oral", de modo a que se preserve aí o campo da fala e a possibilidade de sempre reencontrar o desejo. Uma vez que a boca que tem fome se exprime por uma cadeia significativa, frente ao alimento ela pode dizer, "esse não", pode negar, afastar, pode dizer "eu gosto disso e não de outra coisa", fazendo explodir a especificidade do desejo. (ibid., 203)

Deste modo, Lacan manifesta as suas reservas quanto à compreensão da demanda, já que o importante é aquilo que está para além dela: "essa margem de incompreensão, é a mesma do desejo". Ao ceder neste ponto, com um analisante obsessivo, por exemplo, o analista pode se deparar com um mecanismo pelo qual "ele quer faze-los comer seu próprio ser -- uma merda", conclui Lacan. (ibid., 207) Percebe-se, pois, que o analista pode ser chamado a fazer as vezes desse Outro devorador.

c) à margem do desejo, a goela aberta da vida

"Na fase oral, é o tema do devoramento que está situado à margem do desejo, é a presença da goela aberta da vida". (ibid., 205). Portanto, o "fazer-se devorar" situa-se "à margem do desejo", ele tem a estrutura da fantasia sado-masoquista, na qual espera-se um sofrimento do Outro. Assim, a Esfinge, o sugador, o vampiro, o canibal, e, mesmo, a generosa, seriam modos de apresentação desse caráter fantasmático em jogo no "fazer-se devorar". Com o tom de ironia que, de algum modo, acompanha toda a elaboração do tema, (e a ironia, diga-se, é um modo de dizer ao Outro que ele está barrado) Lacan acrescenta duas outras figuras à série: o louva-a-deus fêmea e as fantasias de comunhão de Baltasar Gracian.

Tomando na espécie animal, o que entende como um modelo para abordar o canibalismo oral, Lacan mostra como o louva-a-deus-macho perde literalmente a cabeça, no ato de copulação com a louva-a-deus-fêmea. Neste ato assombroso, a extremidade cefálica do macho é devorada; é isso que a fêmea ama, ela goza às expensas do outro, indica ele. (ibid, 211-212).

Já com Baltasar Gracian e suas fantasias de comunhão, observa-se uma transição da fome ao erotismo, pela via de uma preferência --por uma gulodice. Evocando os pecados originais, (e, salvo engano, a gula está entre eles) Lacan mostra como "o sujeito vem se situar no cardápio do canibalismo que , (...), nunca está ausente de qualquer fantasia de comunhão". Chega-se então à Gracian e ao seu tratado sobre a comunhão, no qual ele revela algo raramente confessado: "as delícias do consumo do corpo de Cristo são ali detalhadas, e pedem-nos que nos detenhamos naquela bochecha excelente, naquele braço delicioso". Dispensamos da continuação onde "a concupiscência espiritual se prolonga", diz Lacan, assinalando aí a presença do campo da identificação oral. (ibid, 216)

Parte três: o útil, o gozo e os discursos do capitalista e do analista

Em 1972 (mais, ainda), Lacan diz ter encontrado no campo jurídico um termo que reúne em uma palavra a diferença entre o útil e o gozo, indicada no Seminário da ética (1959/60). O uso-fruto, anota ele, quer dizer que "podemos gozar de nossos meios, mas não devemos enxovalhá-los". Pode-se, pois, fruir de uma herança, com a condição de não usá-la demais. Neste sentido, face ao útil, "o gozo é aquilo que não serve para nada", e o modo de reparti-lo, de distribuí-lo faz a essência do direito. Todavia, continua Lacan, se há um direito-ao-gozo, ele não é um dever. "Nada força ninguém a gozar, senão o supereu. O supereu é o imperativo do gozo --Goza! É aí mesmo que se acha o ponto giratório que o discurso analítico interroga." (LACAN,1975/1982: 10-12)

Nos anos 70 a questão do valor de gozo se reapresenta na vertente mais-gozar do objeto a, a questão da repartição dos bens introduz a problemática da justiça distributiva (Televisão, 1972), e o "declínio radical da função do mestre", declínio já assinalado por Lacan nos tempos da ética, se recolocará através do discurso do capitalista.

a) o utilitarismo e a sua teoria das ficções

Para Lacan a psicanálise não é imune ao deslizamento que ocorre no curso dos tempos, deslizamento que leva do mestre antigo, e a sua ética fundada nos ideais, ao utilitarista e à sua moral calcada no valor de uso dos objetos, moral emergente no início do século XIX. Lacan se apressa em dizer que, de Aristóteles a Jeremy Bentham, não se trata exatamente de um progresso, mas de diferentes modos de interrogar e, mesmo, de contornar o real.

Para os utilitaristas o mercado dos objetos se constitui a partir de seu valor de uso; dizem eles que "quando lidamos com algo que pode ser trocado com nossos semelhantes, a regra é sua utilidade não para nós, mas a sua utilidade para todos e para o maior número". Uma vez inserido em um mundo socializado, mundo da conformidade, coerente com uma organização universal do discurso, esse mercado de objetos, em seu valor de uso e de troca, precisará constituir uma teoria das ficções, algo que permita ir além do objeto em seu estatuto natural e que o estabeleça como objeto de um acordo comum. (LACAN, 1961/1992: 240)

Face a isso, o psicanalista não pode senão objetar que, para a psicanálise, "o objeto (...) não é de modo algum apreendido, transmissível, cambiável. Ele está no horizonte daquilo em torno do qual gravitam as nossas fantasias. E, no entanto, --comenta Lacan-- é com isso que devemos fazer objetos que, por seu lado, sejam cambiáveis". (ibid.) Se o objeto, tal como insiste o psicanalista, "deve ser localizado no ponto mais radical onde se coloca a questão do sujeito quanto a sua relação com o significante", como ficará isso ali onde ocorre, juntamente ao declínio do mestre, um declínio da função do significante?

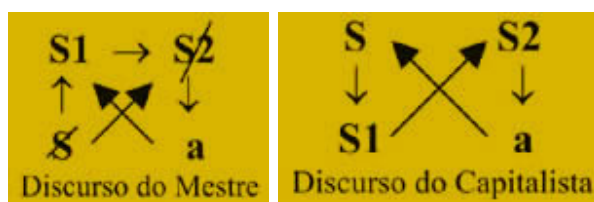
No correr dos tempos observa-se que esse declínio é concomitante à construção de uma teoria das ficções. Ela nos serviria? Em quê e de que modo nos serviria? Se, com o mestre antigo, toda a exploração da ética incidia sobre o domínio do ideal, Lacan deixa a via aberta pelo significante mestre para seguir com Freud, quando ele articula a questão ética interrogando a relação do sujeito ao real. E, aí, o utilitarismo interessará à psicanálise, uma vez que ao tomar as ficções não como enganosas e ilusórias, mas em sua função simbólica, ele as oporá ao real. Portanto, para situar o bem, será preciso interrogar as relações da linguagem com o real.

Com a Teoria das Ficções é o registro do simbólico que é introduzido, ou seja, a verdade em seu estatuto de ficção. (LACAN, 1959/1988:22-24) E as ficções utilitaristas organizariam o desejo, tal como “as fórmulas da fantasia”, indagamos? Um outro ponto a considerar: essa regulação pela via das ficções, pela via dos fantasmas, terá de algum modo dispensado o recurso ao significante mestre que é o Nome-do-Pai. Assim, há aí uma espécie de desabonamento do inconsciente, que pode deixar o sujeito à mercê de um imperativo que diz: compre! É onde o mestre antigo cede seu lugar ao mestre contemporâneo: o capitalista!

b) o discurso capitalista

Tal como já assinalado, “o objeto não está fora do tempo”; ele não é hoje o que era na época de Aristóteles e nem mesmo na época do utilitarismo. Isso ocorre à medida que “o objeto é função dos discursos em ação, é função dos discursos que definem a civilização”. Posto isso, resta constatar que a civilização contemporânea “é a civilização da ciência e dos objetos que ela gera”. (SOLER,1991/1998:167)

Assim, em 1970, (o avesso da psicanálise), Lacan fala de uma “mutação capital (...) que confere ao discurso do mestre seu estilo capitalista.” (LACAN, 1992:160) Este estilo, tributário de uma pequena inversão entre o significante e o sujeito, será suficiente para constituir o que Lacan denominará discurso do capitalista. (Televisão LACAN,1972/1993:30). Essa “pequena inversão será suficiente para que isso ande como se estivesse sobre rodas, isso não tem como andar melhor, mas deste modo isso anda rápido demais, isso se consome, isso se consome tão bem que isso se consuma”, afirma Lacan na sua Conferência de 1972, em Milão, na qual faz a escrita do Discurso do Capitalista:



Se o mundo contemporâneo é regido pelas fabricações da ciência, o espaço no qual elas circulam está ocupado por “ondas hertzianas (ondas eletromagnéticas utilizadas em rádio transmissão) ou quaisquer outras”, inapreensíveis a nível da percepção. O ar, a atmosfera contemporânea, estaria povoado pelas fabricações da ciência em sua verdade formalizada. O jogo de encobrimento e revelação da verdade, da alethéia, dá lugar a um neologismo que permite a Lacan renomear esse espaço: a aletosfera. E ela, a aletosfera, estará povoado pela acoisa, (lachose), pelas latusas, por esses pequenos objetos a que estão à mostra “no pavimento de todas as esquinas, atrás de todas as vitrines”--que o digam os camelos! Na sua proliferação, na sua multiplicação, esses objetos são feitos para causar o desejo, e isto “à medida que agora é a ciência que o governa”. (LACAN,1970/1992:154-155)

No discurso do capitalista, as latusas, as quinquilharias, os gadgets, os objetos mais-de-gozar vêm no lugar da produção, e, com um frágil anteparo da lógica significante, muitas vezes deixam o sujeito à mercê dos objetos (). Se antes falávamos em um objeto oral, passível de deglutição, de assimilação, essas novas vestimentas do objeto a podem deixar o sujeito atordoado. É o caso de uma mulher de origem rural que, tendo ganhado um telefone celular, diz à sua filha de pouco mais de dois anos que ela acabara de ganhar uma irmanzinha. Ato seguinte ela para de fumar, de outro modo como alimentar o celular com cartões telefônicos! O que se percebe é que, atordoada, ela resolvera adotar aquele pequeno aparelho: o celular!

d) o discurso do analista e a invenção de novos modos de narrar

Lacan diz ter percebido que lathouse rima com ventouse, isto é, que latusa rima com ventosa, portanto "há vento ali dentro, muito vento, o vento da voz humana". (ibid., 154) Para finalizar, gostaria de dizer que, face ao cientista e ao capitalista, restará sempre o recurso dessa voz humana que se põe a inventar histórias sobre "o ancestral enlatado", ou mesmo a voz do poeta quando narra o modo como Ulisses enganou a antropofagia do Outro. Assim à pergunta sobre seu nome próprio, ao responder 'Meu nome é Ninguém', o herói clássico se valeu de uma astúcia, demonstrando-a em ato: disse seu nome, escondendo-o. A resposta não se fez esperar: "Ninguém, hei de comer-te!", disse o ciclope, anunciando, sem se dar conta, o seu próprio fracasso. (HOMERO, IX, 278-283; 318-322)

A sorte de Ulisses foi a de ter habitado um mundo onde o sentido e as referências estavam à disposição. Já no nosso mundo contemporâneo, a antropofagia e o consumismo parecem estar a nos exigir a invenção de novos modos de narrar. E então, quais serão as histórias que contaremos aos nossos descendentes?

Belo Horizonte, 4 de setembro de 2003

Referências Bibliográficas

- BARRETO, Francisco Paes. "A clínica psicanalítica no mundo globalizado". Curinga, Escola Brasileira de Psicanálise, n.12, setembro de 1998.
- BIDAUD, Eric. Anorexia mental, ascese, mística. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 1998.
- HOMERO. Odisséia. Tradução de Manuel Odorico Mendes. Ed. de Antônio Medina Rodrigues. São Paulo: Ars Poética: Ed. Universidade de São Paulo, 2000. pp.183-186.
- LACAN, Jacques. a ética da psicanálise, O Seminário, livro 7 (1959/1960). Rio de Janeiro: JZE, 1988.
-a transferência, O Seminário, livro 8 (1960/19610). Rio de Janeiro: JZE, 1992.
- os quatro conceitos fundamentais da psicanálise, O Seminário, livro 11 (1964/1988). Rio de Janeiro: JZE, 1992.
- o avesso da psicanálise, O Seminário, livro 17 (1969/1970). Rio de Janeiro: JZE, 1992.
- mais, ainda, O Seminário, livro 20 (1972/1973). Rio de Janeiro: JZE, 1982.
- Televisão. Rio de Janeiro: JZE, 1993.
- "Conferência em Milão". Lacan in Itália. Milão: La Salamandra, 1978.
- SOLER, Colette. "O sintoma na civilização". Curinga, Escola Brasileira de Psicanálise, n.11, abril de 1998.
- SOUTO, Simone "O amor e o mercado". Curinga, Escola Brasileira de Psicanálise, n.12, setembro de 1998.

RABINOVICH, Diana. Uma clinica de la pulsión: las impulsiones. Bs. As.:Manantial, 1989.

ROSA, Márcia. "Uma leitura de inibição, sintoma e angústia". Curinga, Escola Brasileira de Psicanálise, n.10, novembro de 1997.

----- "Uma subjetividade constelar: Fernando Pessoa e Jacques Lacan". Projeto de tese apresentado ao doutorado em Estudos Literários. UFMG, 2002.

VASCONCELOS, Margareth. "Sobre a anorexia mental". Maio de 2003. Inédito.

(1) Não é desnecessário lembrar que privação, frustração e castração são as três formas pelas quais o objeto pode faltar. Na privação temos uma falta real (um furo) que concerne a um objeto simbólico (o falo), cujo agente é imaginário (o pai).